



ESCOLA ITINERANTE VALMIR MOTTA DE OLIVEIRA: UMA HISTÓRIA SOBRE SUA CONSTITUIÇÃO E FUNCIONAMENTO

Bruno Elias Domingues
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR
brunodomingues.2012@alunos.utfpr.edu.br

Línlya Sachs
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR
linlyasachs@yahoo.com.br

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo realizar uma investigação historiográfica sobre o processo de constituição e funcionamento da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, localizada no Acampamento Valmir Mota de Oliveira, no município de Jacarezinho, estado do Paraná. As escolas itinerantes do Paraná têm como intuito garantir o acesso à educação para crianças durante períodos, muitas vezes longos, de ocupação de terra em acampamentos rurais, liderados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Essa escola, especificamente, iniciou suas atividades em agosto de 2008, logo após a ocupação da Fazenda Itapema, e segue até os dias atuais. Para a realização desta pesquisa, utilizamos como fundamento teórico-metodológico a História Oral e, neste artigo, foram consideradas três entrevistas realizadas com pessoas que participaram desse processo ao longo dos anos.

Palavras-chave: Educação do Campo. Escola Itinerante. História Oral. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país marcado por desigualdades diversas, entre elas de acesso à terra. Uma pesquisa do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) e do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) evidencia esse dado por meio do índice Gini. Esse indicador de desigualdade, amplamente utilizado, varia de 0 a 1, sendo que, quanto mais próximo de 1, maior a desigualdade, e quanto mais próximo de 0, menor a desigualdade. No Brasil, o índice Gini referente à propriedade fundiária mantém-se superior a 0,8 desde 1967 (DIEESE; MDA, 2011).

Diante dessa realidade, foi constituído o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem

Terra (MST) em 1984. Desde então, o MST tem liderado grande parte da luta por uma distribuição mais igualitária da terra no país, travando embates com entidades governamentais para que uma reforma agrária popular seja realizada.

Além disso, o MST e outros movimentos sociais têm lutado para melhorar as condições de vida de populações camponesas, que costumam ter direitos negligenciados. Entre essas lutas, está a que se refere a uma educação de qualidade. Nesse sentido, foram constituídas as Escolas Itinerantes do estado do Paraná, com o intuito de garantir o acesso à educação para crianças durante períodos, muitas vezes longos, de ocupação de terra em acampamentos rurais.

Essa necessidade surgiu por algumas razões: muitas vezes, os acampamentos são distantes das escolas municipais e estaduais da região de ocupação; quando ocorre a chegada de muitas famílias para a ocupação de terra; em várias situações, as escolas existentes não possuem vagas para todos os estudantes; e as crianças e os adolescentes sofrem, frequentemente, com discriminação por serem Sem Terra.

Esta pesquisa tem como objetivo realizar uma investigação historiográfica sobre o processo de constituição e funcionamento da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, localizada no município de Jacarezinho, pertencente à mesorregião Norte Pioneiro Paranaense, que iniciou suas atividades em 2008 e que seguem até os dias atuais.

Na sequência, apresentamos as bases teóricas da pesquisa – a Educação do Campo e a História Oral –, os procedimentos metodológicos e uma narrativa constituída, principalmente, a partir de três entrevistas realizadas com pessoas que participaram desse processo ao longo dos anos.

BASES TEÓRICAS

O movimento de Educação do Campo, nas últimas décadas, vem se organizando e lutando pela garantia de direito à educação pelas populações camponesas, de forma vinculada à luta pela terra. Como afirmam Molina e Freitas (2011, p. 23), “o avanço do movimento da Educação do Campo diz respeito à sua capacidade de aglutinar amplo e diversificado conjunto de movimentos do campo em torno de uma pauta coletiva de luta”.

Além do acesso à educação, está presente nas reivindicações uma outra forma de se entender a sociedade e, por consequência, a própria educação. A Educação do Campo “está vinculada com os trabalhadores, pobres do campo, trabalhadores sem-terra, sem trabalho, mas dispostos a reagirem, a lutarem, a se organizarem contra o estado da coisa” (CALDART,

2009, p. 41). Nesse sentido,

A Educação do Campo vincula-se à construção de um modelo de desenvolvimento rural que priorize os diversos sujeitos sociais do campo, isto é, que se contraponha ao modelo de desenvolvimento hegemônico que sempre privilegiou os interesses dos grandes proprietários de terra no Brasil, e também se vincula a um projeto maior de educação da classe trabalhadora, cujas bases se alicerçam na necessidade da construção de um outro projeto de sociedade e de Nação. Em função dessa intrínseca vinculação, a Educação do Campo compreende os processos culturais, as estratégias de socialização e as relações de trabalho vividas pelos sujeitos do campo em suas lutas cotidianas para manterem essa identidade como elementos essenciais de seu processo formativo. O acesso ao conhecimento e a garantia do direito à escolarização para os sujeitos do campo parte dessas lutas (MOLINA; FREITAS, 2011, p. 19).

Segundo Caldart (2009, p. 38), a Educação do Campo “toma posição, age, desde uma particularidade e não abandona a perspectiva da universalidade, mas disputa sua inclusão nela (seja na discussão da educação ou de projeto de sociedade)”.

Assim,

A Educação do campo se coloca em luta pelo acesso dos trabalhadores ao conhecimento produzido na sociedade e ao mesmo tempo problematiza, faz a crítica ao modo de conhecimento dominante e à hierarquização epistemológica própria desta sociedade que deslegitima os protagonistas originários da Educação do campo como produtores de conhecimento e que resiste a construir referências próprias para a solução de problemas de uma outra lógica de produção e de trabalho que não a do trabalho produtivo para o capital. (CALDART, 2009, p. 38).

Com as reivindicações do movimento da Educação do Campo, destacamos várias conquistas, entre elas a instituição do Programa Nacional da Educação na Reforma Agrária (Pronera), em 1998, do Programa Saberes da Terra, em 2005, e do Programa Nacional de Educação do Campo (Pronacampo), em 2012.

Especificamente no estado do Paraná, “uma das experiências decisivas para a instituição das escolas itinerantes foi a realizada no Acampamento 1º de Maio, em 2003, com a criação da Escola Itinerante Paulo Freire” (SAPELLI, 2013, p. 82). Como afirma Sapelli (2015, p. 339), “desde o início, o MST se preocupou em realizar no mesmo processo de luta pela terra, a luta pela educação. As primeiras experiências de criar escolas em acampamentos aconteceram antes mesmo da criação oficial do MST”.

A partir de 2003,

foram realizadas audiências com o governador do estado e reuniões com o Conselho Estadual de Educação para serem criadas oficialmente as escolas itinerantes em âmbito estadual – situadas em acampamentos da reforma agrária, que podem mudar sua localização junto com o acampamento (por isso, a itinerância). Em 17 de fevereiro de 2004, foi lançada a Resolução n. 614, da Secretaria de Estado da Educação, reconhecendo as escolas itinerantes como “experiências pedagógicas” por dois anos, renovados posteriormente para outros três. A aprovação definitiva ocorreu em 2008 (SACHS; ALVES, 2021, p. 3).

Desse modo,

A Escola Itinerante é parte da luta dos trabalhadores rurais por uma Educação do Campo, por uma educação que esteja orientada para a formação educacional que considera os sujeitos como sujeitos de direitos e, nesse âmbito, veem no direito à terra um dos direitos humanos fundamentais para uma existência com dignidade. O espaço e o tempo da formação escolar são compreendidos como fundamentais para as reflexões e as ações possíveis para orientar novas formas de viver e de construir a vida individual e coletiva no campo (PAIÃO, 2019, p. 47).

De 2003 até 2018, foram instituídas 26 Escolas Itinerantes no estado do Paraná, de modo que parte delas deixou de existir conforme foram realizados os projetos de reforma agrária, transformando os acampamentos em assentamentos e as escolas deixando de ser itinerantes, ou em casos de despejo (SAPELLI; LEITE; BAHNIUK, 2019). Estamos interessados, nesta pesquisa, em realizar uma investigação historiográfica a respeito de uma delas, a Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira.

A realização desta pesquisa se justifica pela escassa bibliografia e que, por se tratar de uma história recente e atual, há a possibilidade de conhecê-la por meio dos atores que participaram desse processo.

A História Oral apresenta-se, então, como um caminho para a pesquisa, sendo “essencialmente, um método de pesquisa que, através da técnica da entrevista, registra as memórias narradas de um indivíduo, em primeira mão” (SANTHAGO; MAGALHÃES, 2015, p. 22). Neste sentido,

[...] a História Oral é um conjunto de procedimentos que nos permite “fotografar” a narração de alguém em determinado momento. A vida e a memória das pessoas são objetos dinâmicos, e por meio da entrevista se torna possível congelar algumas de suas expressões, conferindo-lhes estabilidade e fisicalidade (SANTHAGO; MAGALHÃES, 2015, p. 22).

A História Oral, como metodologia na pesquisa historiográfica, possui duas vertentes próximas, mas distintas: a História de Vida, caracterizada pelo colaborador contando sua história de vida, de forma geral; e a História Oral Temática, caracterizada pela coleta de depoimentos referente a uma temática específica, que é o foco da pesquisa. Em nosso caso, a pesquisa foi realizada nessa segunda vertente, tendo como foco o processo de constituição e funcionamento da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira.

Como afirma Garnica (2010, p. 30),

a oralidade sempre foi um instrumento – um suporte reconhecidamente profícuo – para compreender os objetos que nós dispomos para nossas pesquisas. As modalidades qualitativas de investigação, via de regra, são disparadas por depoimentos, ou seja, são narrativas que, perpassadas por uma hermenêutica, apoiam compreensões, as quais, por sua vez, mostram ou nos permitem atribuir significados aos aspectos do objeto analisado (GARNICA, 2010, p. 30).

Assim, “a oralidade, que sempre serviu de recurso e inspiração aos historiadores, surge realçada, subsidiando uma das principais modernas tendências historiográficas. Desponta o

que chamamos de História Oral” (GARNICA, 2019, p. 93). As pesquisas em História Oral, que se baseiam também em outras fontes, como documentos oficiais, atas, registros, têm as entrevistas como centrais para a constituição de novas fontes historiográficas.

Nesse sentido, “a História Oral consiste em que o entrevistado e entrevistador tomam parte – cada um com suas visões, seus interesses, seus repertórios –, com a missão comum de, através desse diálogo, construir histórias”. (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015, p. 22).

Assim,

[...] a forma dialógica e narrativa das fontes orais culmina na densidade e na complexidade da própria linguagem. A tonalidade e as ênfases do discurso oral carregam a história e a identidade dos falantes, e transmitem significados que vão bem além da intenção conscientes destes (PORTELLI, 2016, p. 21).

Também é importante ressaltar que as fontes orais não são apenas pessoas já consideradas “centrais pelos documentos oficiais ou por eles referenciadas, mas por uma vasta gama de atores que vivenciaram uma determinada situação: para a História Oral, todos são atores – e autores – em potencial” (MARTINS-SALANDIM, 2007, p. 170).

Nesta pesquisa, especificamente, pretendemos registrar a história de uma escola destinada às classes populares, aos camponeses Sem Terra, pouco conhecida em seu entorno, fora do movimento social. Destacamos, nesse sentido, uma importante referência: a pesquisa realizada por Paião (2019), com objetivo semelhante, mas referente a outra escola, a Escola Itinerante “Maria Aparecida Rosignol Franciosi”, do município de Londrina.

Na sequência, descrevemos os procedimentos metodológicos da pesquisa.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa, fundamentada teórica-metodologicamente na História Oral, baseiam-se nas propostas desenvolvidas pelo Grupo de História Oral e Educação Matemática (GHOEM). Podemos dividi-los em quatro etapas: a preparação da entrevista; a realização da entrevista; a transcrição e a textualização da entrevista; e a negociação, culminando na carta de cessão. A seguir, apresentamos essas etapas de forma mais detalhada.

A preparação da entrevista é a etapa em que é feito o levantamento de possíveis colaboradores a serem convidados a ceder entrevistas, esclarecendo a eles os objetivos da pesquisa e, em caso de aceite, preparando o roteiro das perguntas a serem realizadas e o agendamento da entrevista. Utilizamos o critério de rede para a definição, ou seja, a partir de

um colaborador, recebemos sugestões de novos colaboradores. Até este momento, realizamos nove entrevistas, mas consideramos, neste artigo, apenas três.

Com a definição das pessoas e com a preparação da entrevista, ela pôde ser realizada. Disponibilizamos, inicialmente, para todos os colaboradores um roteiro com as principais questões que seriam feitas, com o objetivo de auxiliá-los no momento da fala. As entrevistas foram gravadas em áudio, com a autorização do colaborador.

Após a realização de cada entrevista, foi realizada a transcrição do áudio, quando o registro oral foi transformado em um registro escrito, de maneira literal. A partir de cada transcrição, foi construída uma proposta de textualização da entrevista, com o propósito de organizar as ideias, retirar alguns vícios de linguagens e tornar o texto mais fluido, mantendo características de modo que o colaborador ainda se reconheça nesse texto.

Esse texto foi encaminhado para leitura de cada colaborador, que podia propor alterações, omissões e acréscimos, para a constituição de uma fonte histórica. Essa etapa diferencia diversas abordagens de pesquisa qualitativa da perspectiva da História Oral adotada aqui, já que o depoente, que cede a entrevista, é também um colaborador, que ajuda a constituir o material. Após as alterações no texto proposto, chega-se a um texto final, de modo que o colaborador formaliza sua concordância por meio de uma carta de cessão de direitos – o que nos permite utilizar o texto para fins de pesquisa¹.

As três entrevistas consideradas nesta pesquisa foram realizadas no mês de março do ano de 2022, com Dahiane Inocência Silveira, Karina Aparecida da Silva e Marlene Araújo². Dahiane e Karina atuaram como educadoras na Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira e Marlene contribuiu em atividades da escola. Karina e Marlene são moradoras do Assentamento Companheiro Keno, próximo ao Acampamento Valmir Mota de Oliveira, onde está localizada a escola.

Na seção seguinte, apresentamos uma narrativa sobre o processo de constituição e funcionamento da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, a partir das três entrevistas, que se constituem como fontes historiográficas para esta pesquisa.

NARRATIVA

A microrregião de Jacarezinho, na mesorregião Norte Pioneiro do estado do Paraná,

¹ Todo esse processo foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas envolvendo Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, tendo como Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) do projeto de pesquisa o código 53531721.6.0000.5547.

² Neste artigo, mantemos os nomes das colaboradoras, conforme autorizações dadas pelas cartas de cessão.

possui uma área aproximadamente de 602,526 km², com aproximadamente 39.450 habitantes. Está situada a 385 km de Curitiba, capital do estado do Paraná. O Acampamento Valmir Mota de Oliveira, onde está localizada a Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira³, que dista cerca de 16 km do centro do município de Jacarezinho, está situado na Fazenda Itapema, com área de cerca de 500 hectares.

O início⁴ da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira se dá antes mesmo de realizar sua primeira aula. A história do Acampamento se inicia entre os anos de 2006 e 2007, quando integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) decidiram acampar nessas terras. A organização do Movimento fez uma mobilização no estado do Paraná e enviou 250 famílias para o município de Jacarezinho. Essas famílias ficaram acampadas à beira da estrada, bem próximo à Fazenda Itapema, morando em barracos de lonas, construídos pela própria comunidade, onde passaram muito frio, calor e, até mesmo, dificuldade de acesso a água e comida. Em 2007 o MST ocupou a sede da Fazenda Itapema e, também, uma fazenda vizinha, a Fazenda Cambará, constituindo, o Acampamentos Valmir Motta de Oliveira. Como as famílias não tinham recursos, demoraram um tempo para começar a produzir para seu próprio sustento. Até então, elas viviam com doações e cestas básicas doadas pelo governo federal.

Em agosto de 2008, mais 100 famílias, de várias regiões do estado, foram enviadas para os Acampamentos, de modo que o Setor de Educação do MST Paraná decidiu selecionar, entre elas, famílias com educadores que pudessem contribuir para a criação de uma escola itinerante. Marlene Araújo, nascida no município de Campina da Lagoa, e seus filhos fizeram parte dessa leva, migrando de Palmital, onde estava acampada desde 2005. Com a chegada a essas terras, as famílias foram divididas entre as duas fazendas, sendo que Marlene foi selecionada para acampar na Fazenda Cambará.

Entre 2006 e 2008, como havia muitas famílias acampadas, as crianças dos Acampamentos acessavam escolas da zona urbana de Jacarezinho. É o caso de Karina Aparecida da Silva, filha de Marlene. *“Como chegamos aqui no meio do ano, fomos direto estudar na cidade, pois já tinha um transporte que levava as crianças dos sitiantes para a escola”*⁵. Entretanto, essas crianças passaram a sofrer com preconceito nas escolas que frequentavam: *“[...] os nossos educandos eram muito discriminados na escola, porque*

³ Os nomes da Escola Itinerante e do Acampamento homenageiam a mesma pessoa, Valmir Motta de Oliveira; porém, há uma diferença na grafia: “Motta” no nome da Escola e “Mota” no nome do Acampamento.

⁴ Para situar o leitor, somente nesta seção, apresentamos em itálico trechos das entrevistas com os colaboradores. Na nota de rodapé, indicamos de qual entrevista textualizada extraímos o trecho.

⁵ Trecho retirado da entrevista da Karina Aparecida da Silva.

quando chegavam à beira da estrada pegavam ônibus, e os outros já começavam, que não eram Sem Terra, já começavam a criticar, a falar que eles estavam cheirando a poeira, estavam cheirando a fumaça, e as crianças não queriam estudar”⁶. Devido a isso, muitas vezes, as crianças até iam para a escola, porém ficavam escondidas dentro do ônibus ou do lado de fora da escola e não entravam na sala de aula. Devido a esses acontecimentos, o Setor de Educação do MST e a direção dos Acampamentos decidiram construir uma escola itinerante.

Como as duas Fazendas estavam em processo de desapropriação, para realização da reforma agrária e posterior assentamento dessas famílias, era necessário decidir em que local seria construída a escola. De acordo com informações fornecidas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) à época, havia uma expectativa que a Fazenda Itapema demorasse menos que a Fazenda Cambará para ser desapropriada, cerca de seis meses. Além disso, a sua localização geográfica e sua infraestrutura, com acesso à água encanada, favoreceram a decisão pela construção da escola nesse espaço.

Foi realizada uma reunião com todas as famílias acampadas nas duas Fazendas, com o objetivo de planejar a arrecadação de material para iniciar a construção. No entanto, Karina ressalta que *“como as famílias que chegam são bem carentes, leva um certo tempo para que se possa construir, não é fácil, não dá para decidir que vamos construir a escola hoje, vamos juntar dinheiro, não é um processo fácil”⁷.*

A direção do Movimento decidiu com a equipe pedagógica da escola que, até que a escola ficasse pronta, as aulas deveriam acontecer em espaços improvisados. *“Então, a gente começou a fazer onde dava. Como, na sede da fazenda, já tinha alguns barracões, essas estribarias e o casarão, então a gente foi começando a ter as aulas nesses locais. Inclusive a gente tem uma foto, da minha turma, para o lado de fora. A gente estudou lá, a gente estudou embaixo de árvore, no casarão, a gente estudou onde dava, não tinha um espaço físico próprio. A gente ficou estudando nesses ambientes”⁸.*

As aulas aconteciam onde era possível, como no pasto, entre os animais, e nos barracões da Fazenda. Quando era horário do intervalo ou até mesmo para realizar a troca de educador, perdia-se em tempo considerável, porque havia uma distância grande entre os locais de aula e onde era servido o lanche.

Com a chegada das famílias, pessoas que já atuavam como educadores em outros

⁶ Trecho retirado da entrevista da Marlene Araújo.

⁷ Trecho retirado da entrevista da Karina Aparecida da Silva.

⁸ Trecho retirado da entrevista da Karina Aparecida da Silva.

acampamentos passaram a ajudar na escola. *“Eu trabalhei como voluntária na escola itinerante, né? Porque, naquele tempo até, não tinha educador formado pela escola itinerante. Eu mesma tinha só o quinto ano, e depois que eu fui continuar os estudos. A gente ajudou a levar esses educadores à formação, a estudar, ficava substituindo”*⁹. Em 2008, a escola tinha *“na faixa de 14, 15 educadores por aí, era um grupo grande de educadores, porque não era só daqui, vinha dos outros assentamentos que já tinham escola e que veio contribuir também. Eles não eram remunerados, eram todos voluntários”*¹⁰.

A forma de contratação de professores era realizada pela indicação da organização do MST, de modo que as pessoas que queriam ser educadoras faziam uma avaliação prática em sala de aula e, se fossem aprovadas, tornavam-se educadoras daquela turma. O Movimento também oferecia curso de capacitação para os educadores e, quando eles iam para os cursos e se ausentavam da escola, outros membros da comunidade os substituíam.

No início, era ofertada educação escolar para os alunos da Educação Infantil e de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental; os outros educandos continuaram a frequentar as escolas da zona urbana, até que fosse concluída a construção da escola. A alimentação das crianças era realizada com doações que o Movimento recebia e com alimentos da própria comunidade, sendo que uma parte da cesta básica recebida pelas famílias era utilizada na preparação do lanche das crianças.

Foi exatamente no ano de *“2009, [que] a gente deu início à construção da escola”*¹¹. Para construir a escola, as famílias acampadas nas duas Fazendas foram divididas em cinco grupos, de modo que, cada dia da semana, um grupo era responsável em ajudar a construção da escola. Os materiais utilizados foram em parte doados pela prefeitura de Jacarezinho e o restante necessário, *“a gente fazia vaquinha, os pais ajudavam, a gente comprava lona, comprava prego, as madeiras a gente catava por aí, e era assim”*¹². A constituição da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira teve a participação primordial da organização do MST e a ajuda de 195 famílias que colaboraram nesse processo. Sua inauguração aconteceu no mesmo ano de 2009.

A princípio, a escola era disposta da seguinte maneira: cinco salas de aulas, um refeitório com cozinha e uma secretaria. Era um espaço muito pequeno, que não supria as necessidades da comunidade. Com isso, também era utilizada uma das casas da sede da

⁹ Trecho retirado da entrevista da Marlene Araújo.

¹⁰ Trecho retirado da entrevista da Marlene Araújo.

¹¹ Trecho retirado da entrevista da Karina Aparecida da Silva.

¹² Trecho retirado da entrevista da Marlene Araújo.

Fazenda, para a biblioteca, a sala intermediária¹³ e outras atividades que fossem necessárias.

A escola recebeu o nome de Valmir Motta de Oliveira, pois, a partir da discussão coletiva da comunidade, decidiu-se homenagear o camponês Valmir Motta de Oliveira, conhecido como “companheiro Keno”, assassinado em 21 de outubro de 2007. Na ocasião, ele e seus companheiros da Via Campesina e do MST “sofreram um ataque de 40 funcionários da empresa NF segurança, contratada pela empresa Syngenta”. (CARRERI; SOUZA, 2021, p. 314). A empresa foi condenada pelo Tribunal da Justiça do Paraná, no ano de 2018. Em memória a sua luta pela reforma agrária, o coletivo de acampados decidiu homenageá-lo nomeando, com seu nome, o Acampamento e a escola.

Em 2009, a escola passou a ofertar todo o Ensino Fundamental, ampliando a abrangência do atendimento para os anos finais. Devido à dificuldade em conseguir dentro dos Acampamentos educadores com formação nas áreas do conhecimento para atuação nos anos finais do Ensino Fundamental, foi necessário realizar a contratação de professores externos. Nesse momento, o MST entendeu que seria necessário oferecer a eles uma formação para entenderem a proposta de ensino da escola itinerante.

Dahiane Inocência Silveira, licenciada em Ciências Biológicas, pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), foi uma educadora contratada de fora do Movimento, no ano de 2011. *“Aqui a gente faz uma proposta completamente diferente, porque a gente senta para fazer esse planejamento no início de ano, depois do meio do ano, para a gente tentar integrar todas as disciplinas juntamente com os outros trabalhos que a gente aborda, então por exemplo: aqui a gente tem a questão da ‘Mística’, que é um resgatar as memórias, das pessoas que já lutaram pela educação, que lutaram pela história, a gente fala muito da luta das mulheres, a gente trabalha o ‘abril vermelho’, de tanto massacre que houve até o Movimento ter essa conquista, de poder ter uma escola, e dizer que é sua, com a sua proposta”*¹⁴.

Uma diferença está na forma de realização das avaliações: *“eu vou avaliar os meus educandos de maneira diferente, porque eles são seres diferentes, cada um adquire o conteúdo de forma diferente, temos os cadernos de avaliações, que são feitos semanalmente, quinzenalmente ou mensalmente, vai da organização da escola. [...] Porque eu tenho que registrar todos os conteúdos que eu passei, relatando as dificuldades dos alunos, sendo de cada educando individualmente naquele conteúdo, ressaltando o desenvolvimento dele, como*

¹³ As salas intermediárias fazem parte da proposta de organização da educação escolar por ciclos de formação humana.

¹⁴ Trecho retirado da entrevista Dahiane Inocência Silveira.

ele conseguiu desenvolver, qual foi a metodologia que eu trabalhei, e não somente dos conteúdos, porque, no final do parecer, temos a avaliação mais humana. Então toda essa vida da criança na escola, na rotina dela, é descrita nesse parecer. Se são seis crianças, serão seis pareceres completamente diferentes, esse é o desafio, porque não é fácil, nada é fácil, é muito difícil escrever. Parece uma coisa simples, mas é muito difícil. Então, a gente começa com esse caderno de avaliação e passa para o parecer descritivo”¹⁵. Por essas especificidades, os educadores externos precisam de um tempo para que se adaptem à proposta pedagógica das escolas itinerantes.

A manutenção da escola é de responsabilidade da comunidade. Karina relata: *“como não temos um auxiliar de limpeza, não há uma pessoa específica que faça a manutenção e a limpeza da escola. Então é aí que a comunidade entra. Ela é dividida em cinco grupos, contendo 10 pessoas em cada. A cada semana um grupo fica responsável e cada dia vem uma pessoa do grupo para fazer essa manutenção da escola, como lavar banheiro, juntar lixo, lavar refeitório, limpar as mesas, ajudar na cozinha caso seja necessário, cortar alimentos, estar ali disponível para essa função, para o que a escola precisar nesse período”¹⁶. Esse trabalho que a comunidade realiza na escola acontece de forma voluntária, organizado pelo MST, para que a escola possa continuar funcionando.*

No ano de 2010, foi instituído o Projeto do Assentamento Companheiro Keno, na área da Fazenda Cambará, sendo que, no ano de 2014, o Assentamento foi regularizado e os lotes distribuídos. Já a Fazenda Itapema, que havia previsão de ser expropriada antes, segue ocupada até os dias atuais, em 2022, em processo judicial de desapropriação.

Em 2010, a escola passou a ofertar todos os níveis de ensino da Educação Básica, isto é, Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, inclusive uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para isso, passou a funcionar nos três períodos: matutino, vespertino e noturno. Nesse mesmo ano, a escola recebeu uma grande doação de equipamentos como móveis para a biblioteca, as salas de aula e cozinha, ajudando muito para um melhor funcionamento das atividades escolares.

Como toda escola itinerante, há uma escola base, que presta auxílios e armazena a documentação da escola, já que, pela instabilidade do próprio acampamento, a comunidade pode precisar sair às pressas do espaço e desmontar a estrutura da escola. *“A escola itinerante é uma extensão de alguma escola que a gente chama de escola base, é como se fosse uma*

¹⁵ Trecho retirado da entrevista da Karina Aparecida da Silva.

¹⁶ Trecho retirado da entrevista da Karina Aparecida da Silva.

sala de aula em um outro espaço”¹⁷. Até o ano de 2009, o Colégio Estadual Centrão, do Assentamento Pontal do Tigre, que fica localizado em Querência do Norte, era a escola base à qual estava vinculada a Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira. Em 2010, a escola base passou a ser o Colégio Estadual Iraci Salete Strozak, localizado no Assentamento Marcos Freire, no município de Rio Bonito do Iguaçu. Em 2018, por uma decisão do governo estadual, a escola base passa a ser o Colégio Estadual Marques dos Reis, que, diferentemente dos demais, não é uma escola de assentamento, mas uma escola comum, do município de Jacarezinho. Mais especificamente: *“o estado havia feito uma reunião com a SEED e o grupo do Movimento, do setor de Educação, de que haveria a possibilidade da escola base ser uma escola que estivesse mais próxima fisicamente. E a escola, o Colégio Estadual Marques dos Reis já foi, há tempos atrás, uma escola do campo, mas deixou de ser, porque eles fizeram entrevista com a comunidade, a comunidade não achava interessante, porque praticamente era um bairro, como se fosse uma extensão da cidade, então eles não queriam, então eles deixaram de compreender alguns elementos da necessidade do campo, então, embora fisicamente ele esteja mais próximo, ele não consegue atender as necessidades reais de uma escola itinerante, que é diferente de uma escola do campo”*¹⁸. *“Mas os nossos conflitos com eles são muito por não entenderem a proposta da escola, porém sempre resolvemos através do diálogo, para esclarecermos”*¹⁹.

Sobre esse processo, Dahiane conta: *“antes, a gente conseguia ter um grande diálogo, um grande suporte pedagógico, porque o Colégio Estadual Iraci Salete Strozak foi construído dentro do maior assentamento que se tem na história. Então, as pessoas que constituíram inicialmente a escola, inclusive o diretor, que na época era o Hudson, tinham essa vivência de assentamento, essa vivência de assentado, de ir para acampamento, para assentamento, então ele conseguia compreender as realidades e adversidades que a gente enfrentava aqui. Jacarezinho é uma cidade que oferece muitas barreiras para o Movimento, ela tem uma questão elitizada, não vê com bons olhos, meio de grandes fazendeiros”*²⁰.

A Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira nunca recebeu livros didáticos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), cada professor se virava como podia para conseguir material para ministrar suas aulas. Foi exatamente em 2019, quando aconteceu a mudança de escola base, que a escola recebeu alguns exemplares de livros didáticos, *“foi a primeira vez que a gente recebeu o livro didático do ano corrente, mas nós não recebemos a*

¹⁷ Trecho retirado da entrevista da Karina Aparecida da Silva.

¹⁸ Trecho retirado da entrevista Dahiane Inocência Silveira.

¹⁹ Trecho retirado da entrevista da Karina Aparecida da Silva

²⁰ Trecho retirado da entrevista Dahiane Inocência Silveira.

quantidade adequada para os nossos alunos, vieram somente os que sobraram na outra escola”²¹.

No final do ano de 2011, aconteceu um temporal e vento muito forte na região, que acabou destruindo grande parte da estrutura da escola. Com isso, houve a necessidade de realizar uma reforma na escola. *“Até no processo de reforma da escola, são as famílias daqui que fazem esse trabalho, é feito um rodízio, porque muitos trabalham durante o dia, não só na roça, mas algumas pessoas trabalham na cidade, então é feito esse rodízio quando tem material, o pessoal vem para trabalhar na escola. Acontece de vir gente de outros acampamentos para ajudar na construção da escola*”²².

Em 2013, a escola passou a se organizar por meio dos complexos de estudo, seguindo uma orientação do MST do Paraná. Porém, desde seu início, a escola sofre muito com a rotatividade de professores, que *“impede que você consiga estruturar essa proposta, porque, quando você consegue uma equipe, no próximo ano, vai e muda tudo, então você precisa começar do zero, é como se você perdesse todos os fragmentos, e quando ficam poucos professores da proposta, você tentar passar, mas aquele professor não está mais disposto, porque algumas vezes ele vem porque foi a última opção dele, vir para a Escola Itinerante, você vê desestruturando todo um trabalho*”²³.

Atualmente (em 2022), a Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira oferta Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio e não possui turmas de EJA. Está sendo realizada uma nova reforma na estrutura da escola, feita pela própria comunidade, de forma voluntária. *“E é isso, como diz, eles constroem, reformam, e a nós aqui da escola, alunos e educadores, estamos sempre nesse ensinamento de que a gente precisa cuidar, porque é nosso, a gente sabe que se a gente estragar, não vai conseguir fácil, então você tem que cuidar do que você tem*”²⁴.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A escassez de fontes historiográficas sobre o processo de constituição e funcionamento da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira, assim como de outras escolas itinerantes do estado do Paraná, configura-se como a principal justificativa para a realização desta pesquisa. Ademais, por se tratar de uma história recente, a História Oral apresenta-se

²¹ Trecho retirado da entrevista Dahiane Inocência Silveira.

²² Trecho retirado da entrevista da Karina Aparecida da Silva.

²³ Trecho retirado da entrevista Dahiane Inocência Silveira

²⁴ Trecho retirado da entrevista da Karina Aparecida da Silva.

como uma alternativa teórico-metodológica viável e pertinente para a constituição dessas fontes.

Os três depoimentos considerados neste artigo contribuem para a escrita de uma narrativa que detalha o início do Acampamento Valmir Mota de Oliveira, a decisão sobre a abertura de uma escola itinerante nesse espaço, o processo de construção e reformas nas estruturas físicas da escola, os diversos espaços de realização de aulas (antes mesmo da primeira construção de um espaço próprio) e o funcionamento das atividades escolares – contemplando, entre outros aspectos, a contratação de professores, a proposta educativa dos complexos de estudo e as formas de avaliação da aprendizagem, por meio de pareceres descritivos.

Outras seis entrevistas, não consideradas aqui, foram realizadas com pessoas que vivenciaram esse processo e colaboraram para a realização da pesquisa em andamento. Espera-se com isso que a história da Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira fique registrada e contribua para o desenvolvimento de futuras pesquisas e para a construção e preservação da memória de uma comunidade e, também, do próprio MST, enquanto um movimento social com forte atuação para a redução das desigualdades no país.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o apoio financeiro para a realização desta pesquisa por meio de uma bolsa de estudos da Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação do *campus* Cornélio Procópio da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

REFERÊNCIAS

CALDART, R. S. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 35-64, mar./jun. 2009.

CARRERI, M. L.; SOUZA, G. C. O acampamento e a Escola Itinerante Valmir Motta de Oliveira em Jacarezinho – PR: terra, luta e educação. *In*: ROMPATTO, M.; CRESTANI, L. A. (Org.). **Territorialidades camponesas no Noroeste do Paraná**. Cascavel: FAG, 2021. p. 303-322.

DIEESE; MDA. **Estatísticas do Meio Rural 2010-2011**. São Paulo: DIEESE; NEAD; MDA, 2011.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática. *In:* BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. 6. ed. São Paulo: Autêntica, 2019. p. 85-105.

GARNICA, A. V. M. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, Rio de Janeiro, v. 32, p. 20-35, 2010.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **Escolas Técnicas Agrícolas e Educação Matemática: história, práticas e Marginalidade**. 2007. 265 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

MOLINA, M. C; FREITAS, H. C. A. Avanços e Desafios na construção da Educação do Campo. **Em Aberto**, Brasília, v. 24, n. 85. p. 17-31, abr. 2011.

PAIÃO, C. A. **Memórias da Escola Itinerante “Maria Aparecida Rosignol Franciosi”**: histórias do fazer uma outra escola no movimento dos trabalhadores rurais sem terra. 2019. 210 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Cornélio Procópio/Londrina, 2019.

PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SACHS, L.; ALVES, W. L. L. A construção coletiva do inventário da realidade na Educação do Campo, **Revista Sociedade & Educação**, Campinas, v. 42, p. 1-17, 2021.

SANTHIAGO, R. S.; MAGALHÃES, V. B. **História Oral na Sala de Aula**. Belo Horizonte: Autêntica. 2015.

SAPELLI, M. L. S. **Escola do campo - espaço de disputa e de contradição**: análise da proposta pedagógica das escolas itinerantes do Paraná e do Colégio Imperatriz Dona Leopoldina. 448 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SAPELLI, M. L. S. Escola itinerante: uma história ocultada, forjada no contexto da luta de classes no Paraná. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 15, n. 61, p. 333-354, jul. 2015.

SAPELLI, M. L. S.; LEITE, V. J.; BAHNIUK, C. **Ensaio da Escola do Trabalho na Luta pela Terra**: 15 anos da Escola Itinerante no Paraná. São Paulo: Expressão Popular, 2019.